

REVISTA ABA+

SAÚDE MENTAL ENTRE GERAÇÕES



Falar de depressão e saúde mental deixou de ser um tabu para se tornar, em muitos contextos, um clichê. [...] Cada geração, porém, carrega dilemas próprios diante da saúde mental, e os comportamentos sociais que expressam essas vivências revelam não apenas mudanças individuais, mas a evolução histórica de como a sociedade lida com o sofrimento psíquico. —————

pág 6

Agradecimentos

No dia 17 de setembro, a ABA+ Inteligência Afetiva comemora mais um ano de história. Uma trajetória que começou dentro de casa, no coração de pais atípicos que decidiram transformar o desafio do diagnóstico da filha autista em uma oportunidade de criar algo maior: uma ferramenta que unisse amor, ciência e tecnologia.

Para isso, mergulharam em estudos sobre sistemas inteligentes, Análise do Comportamento e outras práticas baseadas em evidências. Descobriram que, ao organizar informações e registrar dados com precisão, poderiam não apenas acompanhar a evolução da filha, mas também abrir caminhos para que profissionais de diferentes áreas tivessem mais eficiência, clareza e confiança em suas práticas.

Assim nasceu a primeira versão (V1) do software ABA+. Uma ideia simples, mas poderosa, que logo ultrapassou os limites familiares e passou a apoiar terapeutas, escolas e clínicas em todo o país. O que começou como um recurso pessoal se transformou em uma empresa capaz de impactar milhares de vidas.

Com o tempo, a ABA+ cresceu e ampliou suas frentes de atuação: além do software, surgiram cursos, eventos e recursos terapêuticos que unem conhecimento científico e acessibilidade. A empresa se consolidou como referência no setor, sempre fiel a um princípio essencial: a tecnologia só faz sentido quando coloca o humano em primeiro lugar.

Hoje, a ABA+ Inteligência Afetiva é mais que uma empresa. É um movimento que nasceu do amor e se fortaleceu na ciência. Um projeto que continua crescendo com o mesmo propósito inicial: apoiar famílias, empoderar profissionais e transformar a vida de pessoas neurodivergentes por meio da inovação.

No aniversário da ABA+, celebramos não apenas a data, mas também a certeza de que o futuro será ainda mais inclusivo, humano e inteligente.

Com carinho,
Equipe ABA+

DIREÇÃO

SANDRA PARO

COLABORAÇÃO

**ALINE ALVES, MATEUS SILVA, JULIANA L. DE O. CANÊDO,
SAMUEL BARBOSA E TATIANA POTRICH**

COORDENADORA

CRIS ALVES

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

ÚLLI DE OLIVEIRA | UM PONTO MARKETING

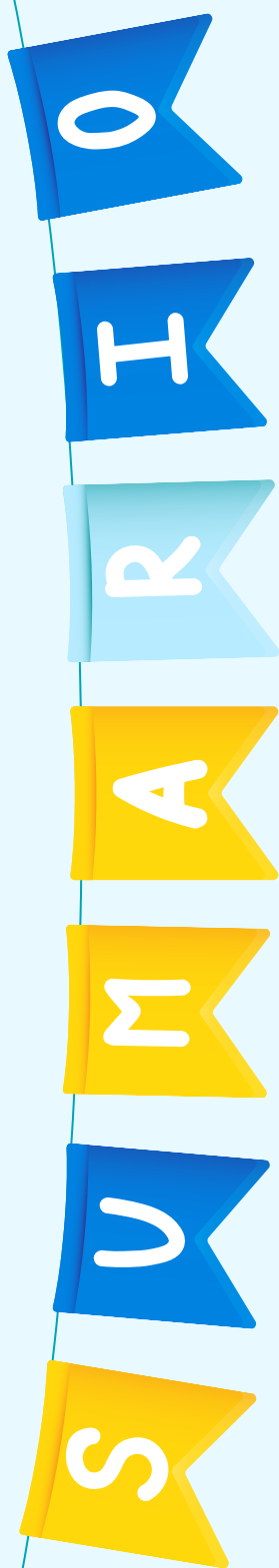
ORGANIZAÇÃO DOS EVENTOS

MARIA RAFAELA FEITOZA E ANA CAROLINA COUTINHO

CONSELHO EDITORIAL

**SANDRA PARO, CRIS ALVES, CHRISTIANE
MAMEDE E MARIZA DOMINGUES**





05 DA EDITORA

Uma carta da editora
aos queridos leitores

13 É VERDADE. #SQN

"ABA tenta encaixar
todo mundo no
mesmo quadrado."

20 DICAS DO PROFISSIONAL

Um caminho que une
movimento, infância e
transformação

28 ESCREVENDO EM FOGO BAIXO

A Alimentação e a
neurodiversidade:
o que o açúcar, o
glúten e os corantes
têm a ver com isso?

06 BRASILIDADES

Saúde mental: do
tabu ao clichê

15 PAPO DE PROFESSOR

Por menos telas e
mais livros nas escolas

24 SOCIEDADE

Impressões
Culturais

34 DICA DE LEITURA

Bicho de Sete
Cabeças – Entre
Grades e Rótulos



38

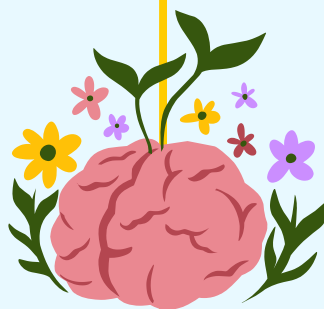
ABA+ ACADEMY

História em
Quadrinhos
Fanny & Ellie

39

EVENTOS

Mirabolâncias



Editorial

Setembro é um mês de lembranças, de reflexões e também de celebrações. Nesta edição especial, não falamos apenas sobre saúde mental — falamos sobre vidas, histórias e caminhos que se entrelaçam em busca de dignidade, cuidado e transformação.

O silêncio que por tanto tempo cercou temas como depressão e sofrimento psíquico vem dando lugar a vozes que ecoam nas redes, nas escolas, nas famílias. Mas, como nos lembram os artigos dessa edição, precisamos ir além das frases prontas: é no compromisso coletivo, nas políticas públicas, na escuta verdadeira e no acolhimento diário que a saúde mental encontra espaço para florescer.

Cada geração traz consigo dilemas próprios. Dos tempos em que o sofrimento era escondido às atuais pressões do mundo hiperconectado, aprendemos que falar de emoções é essencial, mas transformar essa fala em ação é urgente. Os relatos e reflexões aqui reunidos nos mostram que cuidar da mente é cuidar de toda a sociedade — porque quando a mente adoece, todos sentimos.

Também celebramos histórias de esperança. Da psicomotricidade que devolve movimento e confiança às crianças, às páginas de livros que resgatam leitores e curam silêncios. Dos espaços de arte e cultura que acolhem diferenças, às mesas de família onde a alimentação vira gesto de afeto e comunicação. Tudo isso nos lembra que viver é tecer vínculos — e que neles encontramos sentido e força para seguir.

No mês em que a ABA+ completa mais um ano de trajetória, renovamos nosso propósito: unir ciência e humanidade, tecnologia e afeto, para apoiar famílias, empoderar profissionais e transformar realidades. Esta revista é parte desse compromisso — um convite para pensar, sentir e agir de forma mais consciente e inclusiva.

Que esta leitura seja para você, querido leitor, um abraço em palavras.

Com carinho,
Equipe ABA+

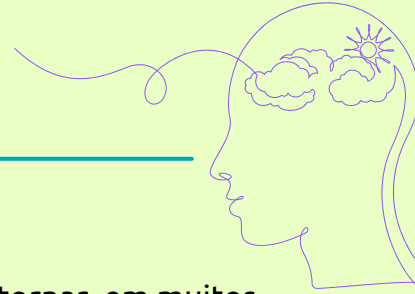
SAÚDE MENTAL

Do tabu ao clichê



Tabu ontem, clichê hoje: os dilemas da saúde mental na sociedade

Por *Sandra Paro*



Falar de depressão e saúde mental deixou de ser um tabu para se tornar, em muitos contextos, um clichê. Num olhar intergeracional, percebe-se que, se antes o silêncio imperava — sufocando histórias de dor e impedindo famílias de reconhecerem a necessidade de ajuda — hoje o tema aparece em campanhas publicitárias, legendas de redes sociais e discursos institucionais. Cada geração, porém, carrega dilemas próprios diante da saúde mental, e os comportamentos sociais que expressam essas vivências revelam não apenas mudanças individuais, mas a evolução histórica de como a sociedade lida com o sofrimento psíquico.

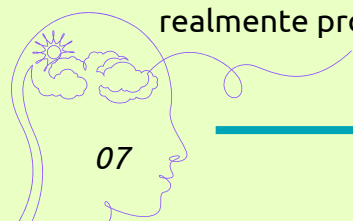
Nos anos 80 e 90, admitir a depressão era quase uma sentença social: quem sofria era visto como fraco ou incapaz. O preconceito impunha silêncio, isolamento e dificultava o acesso a tratamentos adequados. Hoje, embora ainda haja desafios, o tema já não é tratado como segredo de família ou sinal de fraqueza de caráter — e esse é um avanço inegável da sociedade contemporânea.

Tive a oportunidade — e o desafio — de presenciar em minha própria família situações de absoluto desconhecimento, nas quais dogmas eram confundidos com ciência. Recordo-me de um caso marcante: diante de sinais evidentes de sofrimento psíquico, em vez de buscar apoio médico ou psicológico, a pessoa foi levada a sessões de exorcismo, benzimentos, cirurgias espirituais e outros rituais que, embora bem-intencionados, em nada ajudaram a aliviar sua dor.

Foi um caminho tortuoso até que, finalmente, a ciência pudesse ocupar o lugar que lhe é devido. Após muitas tentativas infrutíferas, a solução real veio de um tratamento longo e consistente — sete anos de terapia psicossomática — que, passo a passo, devolveu dignidade e qualidade de vida a essa pessoa.

Essa vivência mostra o quanto o silêncio e os preconceitos da época custavam caro, não apenas a quem sofria diretamente, mas a toda a família. É importante lembrar que tudo isso ocorreu nos anos 80, período em que falar sobre saúde mental ainda era cercado de estigmas e desconhecimento. O sofrimento ultrapassava o indivíduo e afetava a convivência familiar, marcada por insegurança, silêncio e frustrações. Hoje, com o avanço das evidências científicas e a maior abertura para discutir o tema, é provável que esse caminho fosse menos doloroso e mais breve, poupando todos de anos de incerteza.

No entanto, se antes o silêncio era nocivo, agora enfrentamos outro risco: a transformação do tema em mera repetição de frases prontas. “Fale sobre seus sentimentos”, “sua saúde mental importa”, “não é frescura” — expressões importantes, mas que, quando esvaziadas de prática concreta, reduzem a complexidade do problema a *slogans*. A visibilidade conquistada não pode se esgotar em hashtags de setembro amarelo ou em campanhas publicitárias; precisa se traduzir em compromisso coletivo, com políticas públicas, serviços acessíveis e ambientes de trabalho e estudo que realmente promovam bem-estar.



Transformar a conquista da visibilidade em compromisso coletivo é um desafio. Isso significa garantir atendimento psicológico acessível no sistema público, formar professores para identificar sinais precoces em crianças e adolescentes, e construir ambientes de trabalho que não celebrem o excesso de carga como sinal de produtividade.

Da mesma forma que antes o silêncio era nocivo, agora o excesso de discursos sem ação também pode ser.

ENTRE O CLICHÊ E A URGÊNCIA: O PESO DE FALAR DA MENTE TODOS OS DIAS

De tabu a pauta cotidiana, a saúde mental hoje está em todo lugar: nas salas de aula, nos escritórios, nas redes sociais. Nunca se falou tanto sobre ansiedade, depressão e equilíbrio emocional. Esse avanço é inegável: o silêncio, que antes isolava, deu lugar à voz coletiva.

Mas há um risco. Quando o tema vira repetição automática de frases prontas, corre-se o perigo de esvaziar sua seriedade. Não basta compartilhar slogans em setembro ou postar mensagens motivacionais. É preciso transformar a conversa em prática: políticas públicas consistentes, acesso real a serviços de cuidado, escolas e empresas que respeitem os limites humanos.

Discutir saúde mental todos os dias é um passo essencial. O próximo é garantir que essa fala não se perca no clichê, mas se traduza em mudanças concretas na vida das pessoas.



SAÚDE MENTAL ENTRE GERAÇÕES: UM FIO CONDUTOR

Cada geração reflete os dilemas do seu tempo. Da **Geração Silenciosa** e dos **Baby Boomers**, marcados pelo tabu e pelo silêncio em torno das emoções, à **Geração X**, que começou a falar de estresse e *burnout*, vemos um percurso de abertura gradual.

Os **Millennials** cresceram entre promessas de estabilidade e realidades de frustração, trazendo à tona ansiedade e a busca pelo equilíbrio vida-trabalho. Já a **Geração Z**, hiperconectada, enfrenta a pressão da *performance*, a dependência da validação digital e índices alarmantes de depressão e solidão. A emergente **Geração Alpha** vive riscos inéditos do excesso de telas, mas também a chance de aprender cedo sobre autocuidado e emoções.

GERAÇÃO SILENCIOSA

- Nascimento: 1925 a 1945
- Contexto: Infância e juventude marcadas pela Grande Depressão, Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria.
- Comportamento social: Valorização do trabalho árduo, disciplina, obediência a regras e respeito à hierarquia.
- Saúde mental: Pouco espaço para diálogo sobre emoções; sofrimento psicológico era escondido ou estigmatizado.

BABY BOOMERS

- Nascimento: 1946 a 1964
- Contexto: Pós-guerra, crescimento econômico, industrialização, movimentos sociais (direitos civis, feminismo).
- Comportamento social: Busca de estabilidade, valorização da carreira longa em uma única empresa, mas também participação em movimentos de mudança social.
- Saúde mental: Maior abertura em relação às gerações anteriores, mas ainda associada a preconceitos; foco no "ser produtivo" muitas vezes em detrimento do autocuidado.



GERAÇÃO X

- Nascimento: 1965 a 1980
- Contexto: Avanço tecnológico inicial (TV, primeiros computadores), crises econômicas, Guerra Fria, ascensão do consumismo.
- Comportamento social: Independência, pragmatismo, valorização do equilíbrio entre vida pessoal e trabalho.
- Saúde mental: Começa a surgir mais visibilidade sobre estresse e “burnout”; busca por terapias e alternativas cresce.

MILLENNIALS (GERAÇÃO Y)

- Nascimento: 1981 a 1996
- Contexto: Cresceram com a transição do mundo analógico para o digital, globalização, crises econômicas (como 2008).
- Comportamento social: Flexibilidade, foco em experiências, empreendedorismo, mas também ansiedade diante de instabilidade econômica e expectativas frustradas.
- Saúde mental: Maior conscientização e abertura para discutir ansiedade, depressão e equilíbrio vida-trabalho.

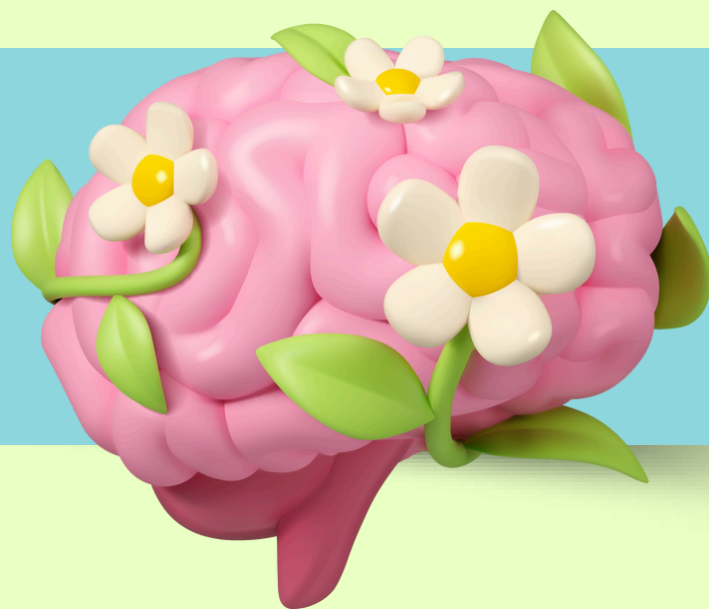
GERAÇÃO Z

- Nascimento: 1997 a 2010/2012
- Contexto: Primeira geração de nativos digitais; redes sociais desde a infância/adolescência; crise climática e instabilidade política globais.
- Comportamento social: Fluidez de identidade, engajamento em causas sociais, alta conectividade.
- Saúde mental: Alto índice de ansiedade, depressão e solidão; maior busca por autenticidade, mas dependência da validação social digital.

GERAÇÃO ALPHA

- Nascimento: 2010 em diante
- Contexto: Crescendo em um mundo totalmente digital, marcado por inteligência artificial, hiperconexão e pandemia de COVID-19.
- Comportamento social: Ainda em formação, mas já demonstram forte relação com dispositivos digitais, aprendizagem por meio de tecnologia e preocupações ambientais herdadas.
- Saúde mental: Risco de maior exposição a telas e isolamento, mas também possibilidade de maior conscientização precoce sobre emoções e autocuidado.

Em comum, todas as gerações carregam marcas de seus contextos históricos e sociais — do silêncio ao excesso de discursos — mostrando que saúde mental não é moda, mas condição humana que exige atenção constante, políticas públicas e espaços de escuta em cada época.



Quando a mente adoece, **toda a sociedade SENTE**

Indivíduos adultos com problemas de saúde mental — ansiedade, depressão, transtorno bipolar, TDAH nunca tratado, entre outros — não sofrem isoladamente. Cada quadro impacta famílias, relacionamentos, ambientes de trabalho e, em escala maior, adoece a própria sociedade. A saúde mental deixou de ser apenas um tema individual para se tornar questão pública, econômica e cultural.

Os números são contundentes. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão é a principal causa de incapacidade no mundo e atinge cerca de 280 milhões de pessoas. A ansiedade, por sua vez, afeta mais de **300** milhões, e o Brasil ocupa lugar de destaque nesse *ranking*: é considerado um dos países com maior prevalência de transtornos de ansiedade na população adulta. Estima-se que **1** em cada **5** brasileiros conviva hoje com algum transtorno mental comum.

Essas condições, quando não reconhecidas ou tratadas, repercutem para além do indivíduo. Afetam famílias que convivem com crises emocionais, empresas que lidam com queda de produtividade e afastamentos, sistemas de saúde sobrecarregados e comunidades inteiras atravessadas por violência, exclusão e desigualdade. O custo global estimado com transtornos mentais chega a **1 trilhão de dólares** anuais em perda de produtividade, segundo a OMS.

O caso do **TDAH** em adultos é ainda mais delicado. Muitos nunca receberam diagnóstico na infância e chegam à vida adulta enfrentando dificuldades de concentração, impulsividade e baixa autoestima, frequentemente confundidas com preguiça ou falta de disciplina. Estudos apontam que o **TDAH** não tratado pode aumentar a chance de depressão em até **31%** e de ansiedade em cerca de **40%**, além de estar associado a maiores índices de desemprego, separações conjugais e uso abusivo de substâncias.

Diante desse quadro, falar de saúde mental não pode se limitar a campanhas pontuais. É necessário investir em **prevenção, diagnóstico precoce e acesso universal ao tratamento**. Isso inclui ampliar o alcance dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial), formar profissionais da saúde preparados para identificar sinais precoces e levar programas de educação emocional às escolas e empresas.



Se um corpo adoecido compromete um organismo, **uma mente adoecida compromete uma sociedade inteira**. Reconhecer a saúde mental como prioridade coletiva é, portanto, mais do que uma demanda ética: é uma questão de sobrevivência social e de futuro.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5). 5. ed. Washington, D.C.: APA, 2014.
- INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA USP. TDAH em adultos: diagnóstico e tratamento. São Paulo: IPq-HCFMUSP, 2021.
- INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). Mental health at work: Policy brief. Geneva: ILO, 2022. Disponível em: <https://www.ilo.org>. Acesso em: 5 set. 2025.
- FRITH, Uta; FRITH, Chris. The Neural Basis of Mentalizing. Neuron, v. 50, n. 4, p. 531–534, 2006.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. Geneva: WHO, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/254610>. Acesso em: 5 set. 2025.
- PREMACK, David; WOODRUFF, Guy. Does the chimpanzee have a theory of mind? Behavioral and Brain Sciences, v. 1, n. 4, p. 515–526, 1978.

É VER
DADE.
#SQN



AS FALÁCIAS SOBRE A PADRONIZAÇÃO NA ABA

Por *Mateus Silva*

“ABA tenta encaixar todo mundo no mesmo quadrado.”

Um dos comentários mais comuns, e também mais injustos, sobre a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é a ideia de que ela tenta "encaixar todo mundo no mesmo quadrado". Essa crítica reforça o estereótipo de que ABA busca tornar todos iguais, apagando as diferenças e impondo padrões. Mas, isso está muito distante da prática científica e ética da ABA.

Na realidade, quando falamos da ciência ABA sabemos a importância da individualização, e que cada pessoa tem repertórios, interesses e dificuldades diferentes. É por isso que qualquer intervenção começa com uma avaliação minuciosa, seja com protocolos como o VB-MAPP, ABLLS-R ou outros, e segue com um plano individualizado, elaborado a partir dos dados daquela criança, naquele contexto.

Isso significa que, se duas crianças forem avaliadas com o mesmo protocolo, os resultados dificilmente indicarão objetivos idênticos. O que para uma é prioridade em linguagem funcional, para outra pode ser socialização, ou habilidades acadêmicas, ou autorregulação emocional. ABA não é "encaixar", mas ajustar o ensino para que cada criança avance de acordo com sua própria trajetória.

Além disso, a prática ética em ABA não busca "normalizar" ou eliminar características, mas promover qualidade de vida, autonomia e participação social. Respeitar interesses, valorizar preferências e construir repertórios que façam sentido na vida real é o que garante a efetividade da intervenção.

Portanto, quando você ouvir que ABA tenta colocar todos dentro do mesmo quadrado, lembre-se de que essa visão é equivocada e simplista. ABA de verdade reconhece a diversidade e se adapta a ela. É ciência, mas é também personalização, respeito e singularidade e muito mais!

Referências:

Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W. L. (2020). Applied Behavior Analysis (3rd ed.). Pearson.



Conheça *Mateus Silva*

Mateus Silva é psicólogo, especialista em Análise do Comportamento pela PUC Goiás, pós-graduando em Análise do Comportamento pela UFSCar e mestrando em ABA.

Atua com desenvolvimento infantil desde 2020, com experiências que incluem as funções de Acompanhante Terapêutico (AT), terapeuta aplicador, psicólogo clínico, coordenador e supervisor.

Atualmente, trabalha como supervisor de casos, contribuindo para o planejamento e acompanhamento de intervenções baseadas em Análise do Comportamento Aplicada.

POR MENOS TELAS

E LIVROS NAS ESCOLAS

Por Juliana Luiza de Oliveira Canêdo

Já se somam sete meses desde a implementação da **Lei n 15.100/2025**, que proíbe o uso de celulares nas escolas, exceto para fins pedagógicos. A medida, criada para proteger crianças e jovens da exposição excessiva às telas, gerou movimentos muitos positivos de procura por outras atividades que estimulam a interação social e o aprendizado, como as visitas às bibliotecas.

Algumas instituições de ensino de Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo divulgaram no primeiro semestre crescimento de até 40% no uso desses espaços, mostrando que a busca pelos livros físicos tem potencial para resgatar o prazer pela leitura. A biblioteca escolar é, ainda, lugar de acolhimento emocional, especialmente para alunos com dificuldades de socialização.

No **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano)**, instituição de ensino pública na qual atuo como jornalista desde 2008, com 12 escolas em todo o estado, esse aumento também foi observado. Em entrevista à coordenação do Sistema Integrado de Bibliotecas da autarquia, a frequência de estudantes nesses locais aumentou em 10% de janeiro a abril deste ano, em comparação ao mesmo período do ano passado.

Outra medida importante com o objetivo de estimular esse interesse é a formação de clubes do livro pela Instituição. Ora criado por docentes, ora pelos próprios estudantes, os grupos de leitura coletiva reúnem pessoas para conversar sobre os livros que todos concordaram em ler. Em encontros presenciais ou *on-line*, o compartilhamento de ideias, opiniões e perspectivas enriquecem a experiência de leitura de cada participante e,

PAPO DE PROFESSOR

atrevo-me a dizer, acaba tendo um propósito terapêutico como consequência.

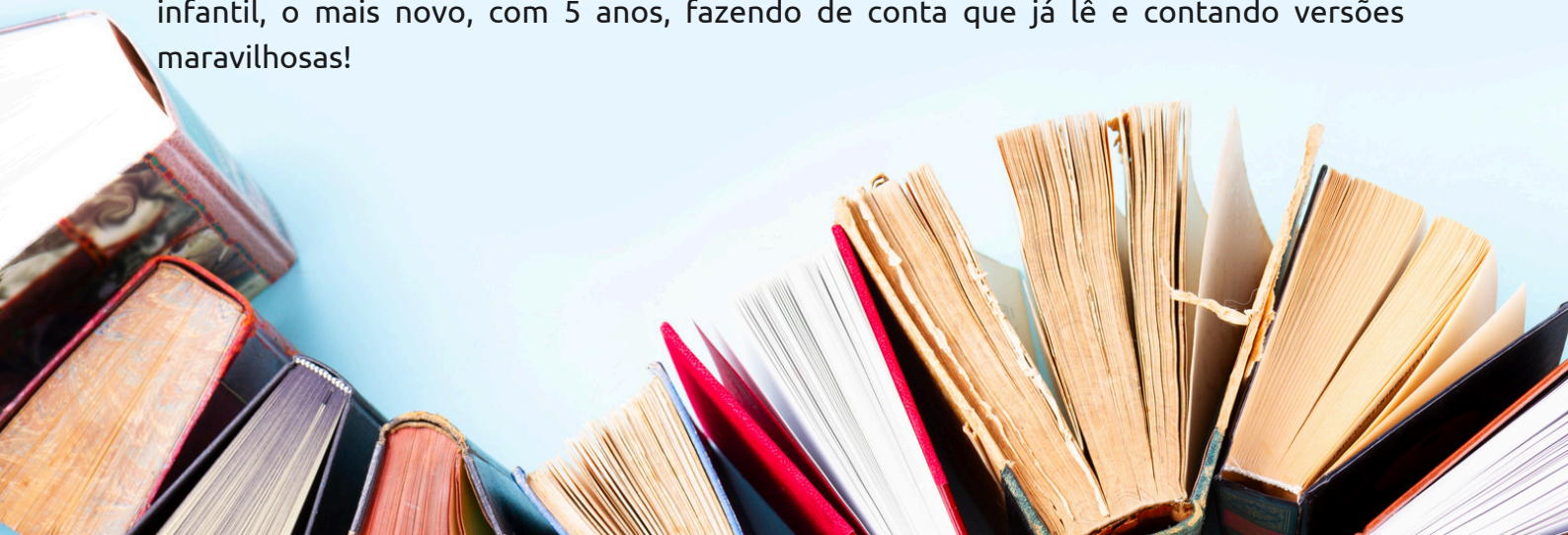
Há três anos, desenvolvi um clube do livro com uma colega de trabalho para servidores do IF Goiano. A motivação, inicialmente, era pessoal: eu vinha de “período sabático” que emendou licença para mestrado, seguida de licença maternidade e pandemia. Esses dois últimos, especialmente, aumentaram sobremaneira o meu uso de telas: quase tudo – e até então, passou a ser feito/resolvido no ambiente virtual. O que me afastou cada vez mais dos livros, da leitura por prazer, e me aproximou dos óculos e tendinites.

Pois bem, decidimos eu e minha colega (hoje amiga querida e curadora do clube do livro), reunimos pessoas com objetivos parecidos e iniciamos a jornada de uma leitura coletiva mensal, com encontros *on-line* ou presenciais. Até julho deste ano, chegamos à incrível marca de 23 obras lidas coletivamente – de *best sellers* de autoajuda a clássicos como Dom Casmurro.

E os estudantes nessa história? Bem, entre os servidores envolvidos, temos diversos docentes que levaram obras para a sala de aula. Registramos, ainda, casos de alunos que estavam prestes a evadir e, por meio da indicação de obras e do cuidado afetuoso de servidores, mudaram de ideia e venceram a depressão. Relatos que foram contados na primeira edição do nosso evento, Histórias que curam: leitura e escrita como autocuidado da mulher, realizado em março deste ano. Ah, não falei sobre escrita, né? Pois muitos leitores do clube começaram ou voltaram a escrever. A leitura resgata, salva e transforma!



E nessa “brincadeira” de ler, a gente acaba virando exemplo, não só fora, mas dentro de casa. Não raro tem amigo ou vizinho pedindo livro emprestado ou dialogando comigo nas redes sociais sobre a própria experiência de leitura ou sobre a obra que estou lendo no momento. Quase sem querer, foi questão de tempo para começar a observar meus dois filhos folheando mais os livros da nossa biblioteca infantil, o mais novo, com 5 anos, fazendo de conta que já lê e contando versões maravilhosas!



PAPO DE PROFESSOR

O mais velho, pré-adolescente atípico de 11, pediu-me, pela primeira vez, um livro para ler nas férias de julho. Mas sobraram férias no fim do livro e ele me pediu mais um, de 300 páginas. Do livro fomos ver o filme juntos e agora temos repertório para boas conversas. As leituras da escola tornaram-se prazerosas, ele se impõe metas de número de páginas e quase diariamente vai pro cantinho dele se concentrar para esse momento intimista e especial.

Não sou especialista, mas prevejo diversos benefícios com esse novo hábito, como desenvolvimento do vocabulário, da linguagem além de melhorar a capacidade de comunicação, concentração e autonomia. Isso pra não falar na promoção do autoconhecimento, da empatia, e também aprendizados sobre diversidade e inclusão (como indivíduo e social) - valores tão caros e raros na nossa sociedade e que precisam urgentemente ser estimulados em todos nós.





Conheça Juliana L. de O. Canêdo

Juliana Luiza de Oliveira Canêdo

Jornalista, mestre em Educação Profissional e Tecnológica, servidora do Instituto Federal Goiano e criadora do Clube do Livro da Instituição. Mãe babona de Pedro e Lucas, suas paixões.

Instagram: @julluiza



Referências:

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre [...]. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 jan. 2025. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-15.100-de-13-de-janeiro-de-2025-606772935>. Acesso em: 2 set. 2025.

INSTITUTO FEDERAL GOIANO. Página inicial. [S. l.], [2025]. Disponível em: <https://ifgoiano.edu.br/home/index.php>. Acesso em: 2 set. 2025.



NOTAS DE SETEMBRO



A Menina Índigo

A Menina Índigo (2016) nos faz pensar: quantas crianças e jovens "diferentes" estão sendo ignorados, medicados ou rotulados, quando na verdade só precisam ser ouvidos? Sofia, a protagonista, é vista como um problema, mas talvez só precisasse de espaço para existir com liberdade.

O filme traz uma mensagem oportuna para este mês: acolher e escutar é sempre mais importante do que rotular.

Ficha técnica

A menina índigo

1h 39min | Drama, Família

Direção: Wagner de Assis

Roteiro Wagner de Assis

Elenco: Letícia Braga, Murilo Rosa, Fernanda Machado

UM CAMINHO QUE UNE MOVIMENTO, INFÂNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Por Samuel Barbosa

Minha jornada na psicomotricidade

Minha trajetória profissional sempre esteve entrelaçada ao movimento e ao desenvolvimento humano. Sou bacharel em Direito e Educação Física, com pós-graduação em Fisiologia do Exercício e em Psicomotricidade. Há mais de sete anos dedico minha vida a apoiar crianças em seu fortalecimento motor, cognitivo e social.

A psicomotricidade surgiu para mim como uma revelação. Durante 14 anos atuei como professor de *Muay Thai* e percebi que o movimento não era apenas força ou técnica: era linguagem, expressão e encontro. Essa percepção ganhou novos contornos quando comecei a acompanhar crianças com atrasos motores, dificuldades de coordenação e crianças no espectro autista. Ali compreendi que, por meio do corpo em ação, elas conquistaram muito mais que habilidades motoras e ganharam autonomia, confiança e novas formas de se abrir ao mundo.

O nascimento da Motriciarte

Dessa experiência nasceu a Motriciarte: um espaço dedicado ao estímulo motor infantil, que reúne uma sala de psicomotricidade e um consultório voltado ao desenvolvimento das crianças. Cada detalhe — dos equipamentos às atividades, das oficinas às brincadeiras — foi pensado para despertar prazer no movimento, consciência corporal e superação de limites.

O diferencial da Motriciarte está em integrar o brincar e a arte ao processo psicomotor. Escalar, equilibrar-se, explorar o corpo em atividades lúdicas — tudo se transforma em oportunidade de descoberta. Assim, cada criança é convidada a se redescobrir de modo único, com alegria e liberdade.

Conquistas que inspiram

Ao longo dessa caminhada, colecionei memórias que me marcam profundamente: o primeiro passeio de bicicleta de uma criança que antes evitava se movimentar; o sorriso radiante após conseguir saltar; o brincar de pique-esconde com amigos recém-descobertos; a interação espontânea de quem antes vivia em silêncio e isolamento.

São essas pequenas grandes vitórias que me confirmam:

**A PSICOMOTRICIDADE
ULTRAPASSA A TÉCNICA.
ELA É UMA PONTE DE
INCLUSÃO, CELEBRAÇÃO DA
INFÂNCIA E ESPERANÇA
PARA INÚMERAS FAMÍLIAS.**



Um propósito que se renova a cada dia

Hoje, olho para minha trajetória com gratidão e clareza. A psicomotricidade me recorda, a cada dia, que o desenvolvimento humano é inseparável: corpo, mente e emoção avançam juntos.

Meu propósito é ampliar continuamente esse trabalho, ajudando a formar uma geração de crianças mais fortes, seguras e preparadas para a vida. Acredito que, quando olhamos a infância com cuidado, respeito e estímulo adequado, não cultivamos apenas habilidades motoras, cultivamos seres humanos plenos, capazes de enfrentar os desafios do mundo com coragem, sensibilidade e esperança.

Conheça o Samuel Medeiros Barbosa

Bacharel em Direito e em Educação Física. Pós-graduado em Fisiologia do Exercício e em Psicomotricidade. Psicomotricista e educador físico, atua no atendimento a crianças com atrasos motores, dificuldades de coordenação, espectro autista e desenvolvimento típico.

Fundador da **Motriciarte**, espaço de estímulo motor infantil que integra psicomotricidade, arte e brincadeira como ferramentas de desenvolvimento e inclusão.

motriciarte



@motrici.arte



(62) 99912-5767



R. 1026, R. 1028 - St. Pedro
Ludovico, Goiânia - GO, 74823-130

NOTAS DE SETEMBRO



Em Busca de Mim

Viola Davis, uma das maiores atrizes da atualidade, compartilha em sua autobiografia, *Em busca de mim*, não apenas uma trajetória de sucesso, mas uma história marcada pela pobreza extrema, pelo racismo estrutural e pelas dores que atravessam corpo e alma.

Nascida em uma antiga plantation no sul dos Estados Unidos, cresceu sem roupas adequadas, sem comida suficiente e até sem água quente no inverno — mas nunca sem coragem.

Mais do que um relato de superação, o livro revela as fissuras de uma vida em que o passado precisa ser enfrentado para dar sentido ao futuro. Ao abrir essas feridas, Viola mostra que sua luta não é apenas pessoal, mas coletiva: um convite à reflexão sobre desigualdade, resiliência e identidade.

Ficha técnica

Em Busca de Mim

Editora: Bestseller

Data da publicação: 11 julho 2022

Edição: 17ª

Idioma: Português

Número de páginas: 266 páginas



IMPRESSÕES CULTURAIS

Por Tatiana Potrich

Múltiplas e místicas teorias circundam a origem de um dos calendários maias, o tzolkin, também considerado um almanaque sagrado, com especulações que situam seu surgimento entre 1360 a 1300 a.C. Uma das teorias mais curiosas é de que ele teria sido baseado em fases lunares que regem os 260 dias de uma gestação. O mais intrigante é que, assim como o horóscopo, o calendário tzolkin atribui características de personalidade e cada pessoa de acordo com a data de nascimento. Fiquei tão impressionada ao descobrir o meu que, de repente tudo, ao meu redor passou a fazer mais sentido.

Sou regida pelo Kin 219, o Espectro da Tormenta Azul e brinco com minhas amigas que sou a “miga atormentada” da turma. Brincadeiras à parte, aderi ao meu estilo de vida, investigar e pesquisar todas as formas e maneiras para me autoconhecer e, assim, entender meu propósito e minha satisfação espiritual nesta existência.

Em 1989, assisti ao filme vencedor de 4 Oscars, Rain Man, com Dustin Hoffman e Tom Cruise, e foi pela primeira vez que ouvi falar do espectro autista. Um filme profundamente emocionante, que por muito tempo permaneceu vivo nas minhas memórias da infância.

Há dois anos, iniciei a idealização do **Jardim Potrich**, um espaço multicultural que promove eventos e projetos sociais com o objetivo de ampliar o conhecimento por meio de áreas interdisciplinares que conectam arte, design, artesanato, atividade física, neurociência e espiritualidade.



SOCIEDADE

Em abril deste ano, demos início ao Projeto “Goianins – cultura popular para artistas mirins” que contemplou crianças típicas e atípicas numa oficina criativa inspirada nas obras da artista nãif Helena Vasconcelos. O tema central da mostra artística foi a manifestação cultural das Cavalcadas, o épico encontro da batalha entre mouros e cristãos encenada na Festa do Espírito Santo como tradição e costume religioso nas cidades do interior do país.

A dinâmica das duas oficinas foi bastante distinta, e seus resultados, surpreendentes. Na primeira turma, composta por crianças típicas, todas ouviram com atenção a explicação da artista pelo salão de exposição. Sentaram-se e aguardaram, pacientemente, a inspiração chegar, observando as reações, umas das outras. Já, a turma das crianças atípicas foi mais acalorada, cheia de movimentação

e com certa impaciência e indisciplina de algumas delas. O mais curioso foi perceber que, entre as crianças típicas, cerca de 90% reproduziram a imagem da igreja, revelando um efeito “manada”. Já entre as crianças atípicas observamos autenticidade e autonomia, que romperam com o senso comum. Mesmo quando algumas escolheram a mesma figura, os modus operandi se destacaram pela originalidade e legitimidade.

Assim como ter assistido ao filme, presenciar esses momentos nas oficinas foi profundamente emocionante para mim. A relação afetiva e criativa entre as pessoas que nos cercam é um antídoto natural e poderoso contra as adversidades da vida. O contraste, o conflito, a indisciplina e o descontrole também aquecem nossos corações e, é apenas assim que exercitamos um sentimento tão raro na contemporaneidade: a paciência.



Agradeço à querida Sandra Paro pelo convite para participar desta edição da Revista ABA+ e espero que minhas impressões culturais contribuam para enriquecer a jornada do autismo.



Conheça a Tatiana Potrich

Tatiana Potrich Curadora, produtora de arte, escritora e designer. Formada em Design de Moda (UFG), com pós-graduação em Arte Contemporânea (UFG), em História do Brasil (UFG) e em Filosofia da Arte (UEG). Em contato com artes visuais, artistas e galerias desde criança, atualmente é a responsável pelo cultivo e florescimento do Jardim Potrich, espaço cultural em Goiânia GO, que promove natureza, mostras, exposições, bazares temáticos e eventos artísticos diversos.

Instagram @jardimpotrich

NOTAS DE SETEMBRO



Nise – O Coração da Loucura

Dirigido por Roberto Berliner e estrelado por Gloria Pires, o filme resgata a trajetória da psiquiatra alagoana Nise da Silveira (1905-1999), que nos anos 1940 revolucionou o tratamento em hospitais psiquiátricos ao propor atividades como pintura e cuidado de animais, em contraponto a práticas violentas como eletrochoques e lobotomias.

A visão humanista abriu caminhos para a arte produzida pelos pacientes, hoje preservada no Museu de Imagens do Inconsciente, e conquistou o reconhecimento de nomes como Mário Pedrosa e Carl Gustav Jung. Um retrato de coragem, rebeldia e transformação pela sensibilidade.

Uma boa oportunidade de aprender que saúde mental se promove com sensibilidade, respeito e vínculo e, lógico, muita coragem.

Ficha técnica

Nise – O Coração da Loucura

1h 48min | Drama

Direção: Roberto Berliner

Roteiro Flávia Castro, Maurício Lissovsky

Elenco: Glória Pires, Luciana Fregolente, Simone Mazzer

A ALIMENTAÇÃO E A NEURODIVERSIDADE: O QUE O AÇÚCAR, O GLÚTEN E OS CORANTES TÊM A VER COM ISSO?

Por Aline Alves

Como mãe, fui atrás de acolhimento. Como
cozinheira, fui atrás de alternativas.



Meus dias são temperados com muitos desafios, alguns com gosto de superação, outros com o amargor da frustração. Mas talvez nenhum assunto me atravessasse tanto quanto a alimentação.

Aqui em casa, comer nunca foi só sobre nutrir o corpo. Sempre foi sobre a relação com a comida. Antes do diagnóstico presenciávamos um bebê (até os 3 anos de idade) o modelo ideal, comendo suas árvores de brócolis, devorando grãos de feijão e adorando docinhos sem açúcar.

Quando meu filho começou a demonstrar uma recusa persistente por “comidas comuns” como arroz, feijão, legumes, carnes, como jornalista, fui atrás de estudos.

Foi aí que entendi que a seletividade alimentar, especialmente em crianças atípicas, não é “frescura”. É sobre texturas, sons, cores, cheiros e até barulhos de talheres. Comer, para a neurodivergência, pode ser um campo minado de estímulos.

É o corpo dizendo “isso me incomoda”. O cérebro tentando filtrar o mundo por uma lente mais segura. Às vezes, é o cheiro do brócolis cozido que invade como uma tempestade sensorial. Outras vezes, é o barulho da crocância que explode na boca como um trovão. Pode ser o toque molhado, a mistura de texturas, o imprevisível.

Ser mãe de uma criança atípica é viver uma dança de descobertas. Mas quando entendi que a comida também comunica, comecei a ouvir melhor.



Eu nunca lutei contra e sim comecei a cozinhar com o que ele aceita, não apenas com o que “deveria comer”.

Transformei o que ele tolera em um caminho possível: transformamos o arroz em bolinhos de arroz, o feijão em um brownie nutritivo e as batatas em mil versões.

Hoje, nossa alimentação é diferente, sim. É pensada com estratégias sensoriais, com alimentos naturais, com cor sem corante e sabor sem exageros. Fugi dos ultraprocessados, não por modismo, mas por entender como eles interferem no comportamento, no sono, no humor e sim, até nas birras.

Essa experiência me fez buscar explicações nas evidências científicas para entender como açúcar, corantes e glúten podem influenciar na alimentação e no comportamento de crianças neurodivergentes, e assim focar o olhar no meu filho.

Estudos mostram que entre 40% e 80% das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam seletividade alimentar, ou seja, recusa de alimentos baseada em cor, textura, cheiro ou sabor. O que pode levar a *déficits* nutricionais e afetar o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. (Pesquisa)



A DIETA SEM GLÚTEN: O QUE DIZEM AS EVIDÊNCIAS?



- Uma análise com 27 estudos (2013–2024) aponta que a dieta sem glúten e caseína (GFCF) pode melhorar sintomas cognitivos, comportamentais e gastrointestinais em crianças com TEA ([Pesquisa](#)).
- Uma meta-análise de ensaios clínicos randomizados (297 participantes) encontrou benefícios, mesmo que moderados, na cognição e comportamentos estereotipados, sem riscos aparentes ([PMC](#)).
- Outra revisão indicou que o protocolo GFCF resultou em melhora no bem-estar, comportamento, funções cognitivas, aprendizagem, redução de hiperatividade e ansiedade ([PMC](#)).
- Cortes de longo prazo (até 4 anos) relatam melhora dos sintomas após 6 meses ou mais de dieta GFCF ([Redalyc.org](#), [Unicep](#)).





COLORIDO MAS NÃO INOFENSIVO

Mecanismos por trás das reações aos corantes artificiais

Em uma revisão de 2013, pesquisadores investigaram como os corantes alimentares artificiais podem mexer no comportamento de crianças — tanto as com TDAH quanto as sem o diagnóstico. Eis o que eles descobriram:

Esses corantes parecem atuar de três jeitos principais:

- Toxicidade: altas doses (coisa de 50mg ou mais) podem afetar o corpo de forma tóxica. Estudos que usaram esse nível justamente viram mais crianças reagindo — bem mais que as que receberam menos de 20–40 mg. [PubMed](#)
- Efeitos antinutricionais: os corantes podem atrapalhar a absorção de nutrientes, o que, mesmo sem ser o estudo principal, é algo que os autores sugerem explorar mais adiante. [PubMed](#)
- Hipersensibilidade: algumas crianças simplesmente são mais sensíveis — até por motivos genéticos ou imunológicos — e reagem aos corantes com mudanças de comportamento. [PubMed](#)

Eles também recomendam novos estudos, com testes em animais ou crianças, para entender melhor como esses corantes afetam o sistema imunológico, o intestino e a absorção de nutrientes. [PubMed](#)



A seletividade alimentar não é uma barreira: é um convite à escuta.

Escuta do corpo. Escuta do tempo. Escuta do afeto. E entre uma colher e outra, a gente vai se nutrindo de vínculo e subjetividade.

E para a pergunta do título do texto, não tenho uma resposta, mas como mãe vivencio diariamente os desafios sensoriais, emocionais e nutricionais de uma alimentação sensível, por isso evitamos ultraprocessados ao máximo, e buscamos nutricionalmente escolhas conscientes, e com isso a meta central: uma boa relação com a comida e o comer, lembrando que comida é mais que comida.



Referências

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS (CDC). Data and Statistics on Autism Spectrum Disorder. Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>. Acesso em: 10 set. 2025.

REDALYC. Melhoras comportamentais em crianças com TEA submetidas à dieta GFCF em longo prazo. Redalyc.org, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org>. Acesso em: 10 set. 2025.

SANTOS, L. et al. Dieta sem glúten e caseína em crianças com TEA: uma revisão de literatura (2013–2024). Revista Brasileira de Nutrição Funcional, 2024.

SCHOENTHALER, S. J. et al. The impact of artificial food colors on hyperactivity in children with and without ADHD: A systematic review. Journal of Attention Disorders, 2013. Disponível em: PubMed. Acesso em: 10 set. 2025.

The Toxic Truth. Disponível em: <<https://sugarscience.ucsf.edu/the-toxic-truth/>>.

NOTAS DE SETEMBRO



Canto dos Malditos – Austregésilo Carrano Bueno

No livro Canto dos Malditos, Carrano narra sua experiência como interno em instituições psiquiátricas, para onde foi levado pelo próprio pai por causa do uso de drogas. A obra revela a violência e a desumanização sofridas dentro dos manicômios, e se tornou um marco na luta antimanicomial.

A obra inspirou o filme Bicho de sete cabeças que deu visibilidade à história de Carrano e impulsionou a procura pelo livro, mostrando o poder do diálogo entre cinema e literatura. Para o autor, o filme foi essencial para difundir sua mensagem, mas não retrata “nem 10%” da realidade vivida dentro das instituições. O livro, segundo ele, é mais detalhado, intenso e próximo da verdade, tornando-se leitura indispensável para compreender os bastidores dessa realidade.

Tanto o livro como o filme, ajudam a refletir sobre como pessoas em sofrimento psíquico foram historicamente tratadas como problema a ser escondido ou punido. Ao revisitá-las no Setembro Amarelo, lembramos que acolher, ouvir e respeitar é sempre mais transformador do que rotular e excluir.

Ficha técnica

Canto dos Malditos – Austregésilo Carrano Bueno

Editora: Rocco

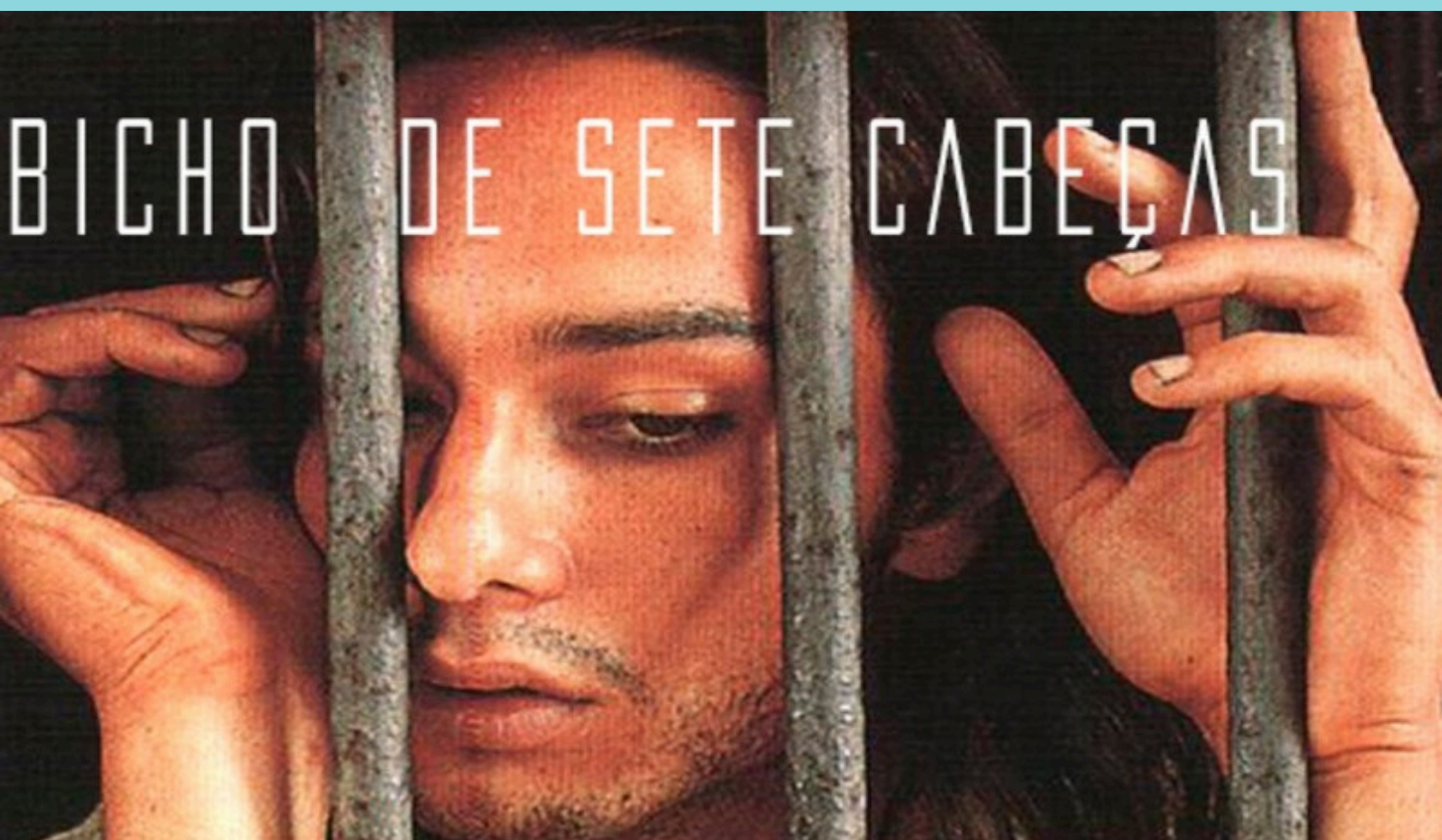
Edição: 1ª

Idioma: Português

Número de páginas: 192 páginas



INDICAÇÃO DE LEITURA E CINEMA

**INSTITUCIONALIZAÇÃO: O VERDADEIRO BICHO DE SETE CABEÇAS**

BICHO DE SETE CABEÇAS – ENTRE GRADES E RÓTULOS

Por Cris Alves

Após um longo período de estagnação, o cinema brasileiro começou a se reerguer nos anos 1990 com a chamada “retomada”, impulsionada pela criação da Lei do Audiovisual. Foi nesse contexto de renovação estética e temática que surgiu *Bicho de Sete Cabeças* (2001), dirigido por Laís Bodanzky. Inspirado no livro autobiográfico *Canto dos Malditos*, de Austregésilo Carrano Bueno, o filme tornou-se um marco do cinema nacional contemporâneo ao unir denúncia social, realismo estético e crítica contundente à institucionalização da saúde mental no Brasil. Aclamado em festivais nacionais e internacionais, o longa não apenas revelou o talento de Rodrigo Santoro, como também lançou luz sobre práticas abusivas ainda presentes em instituições psiquiátricas, ecoando debates urgentes da Reforma Psiquiátrica e da luta antimanicomial no país.

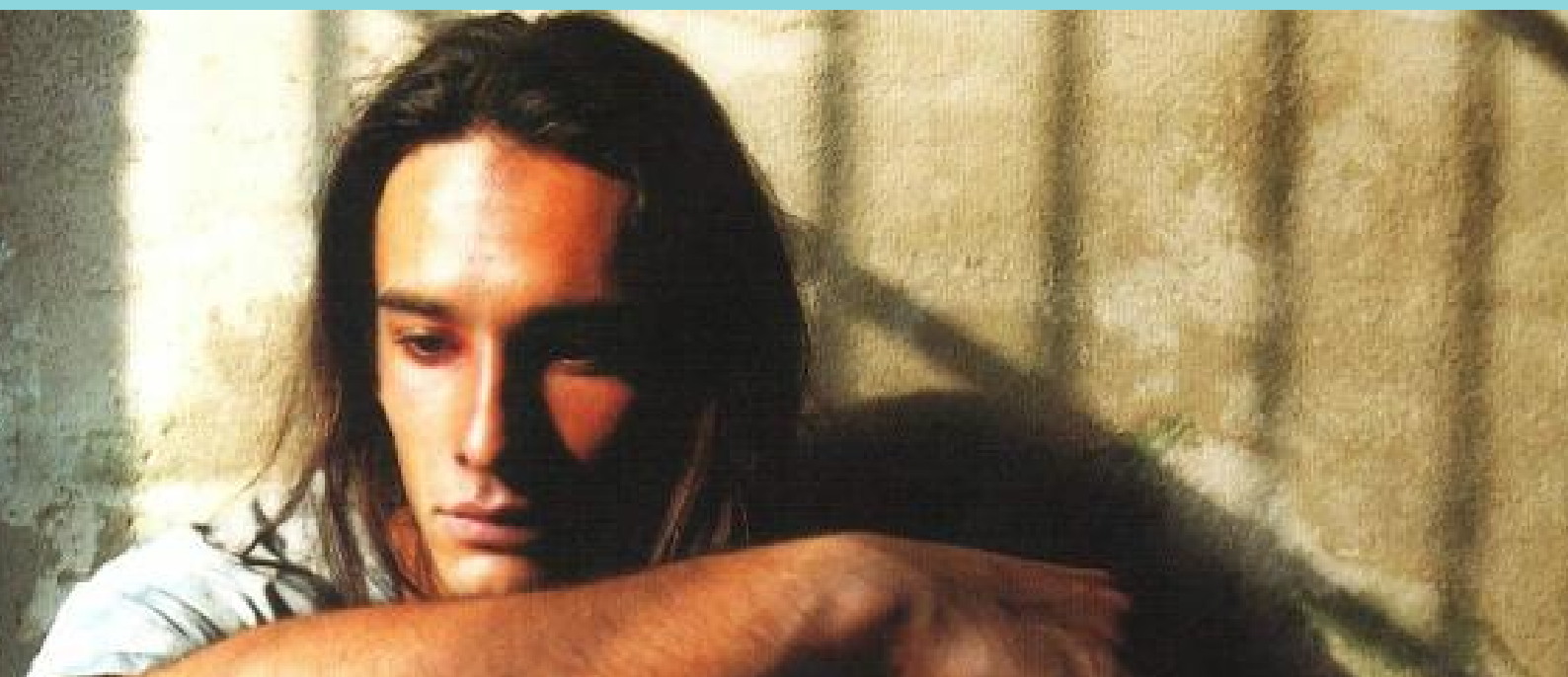
DICA DE LEITURA

O enredo gira em torno de Neto (Rodrigo Santoro), um jovem de classe média que é internado à força em um hospital psiquiátrico pelo próprio pai, após este encontrar um cigarro de maconha entre seus pertences. A decisão autoritária transforma o que poderia ter sido um momento de diálogo e orientação em um ciclo de violência, opressão e perda de identidade. Dentro da instituição, Neto é submetido a tratamentos desumanos, eletrochoques e agressões físicas, revelando um sistema mais voltado à punição e exclusão do que ao cuidado ou acolhimento.

Entre os temas centrais do filme, destaca-se o estigma social em torno da saúde mental, com a maconha funcionando como um pretexto para a exclusão. A obra também evidencia o autoritarismo familiar, em especial, a rigidez do pai, que representa uma geração avessa ao diálogo e presa a valores conservadores. Por fim, a institucionalização da diferença aparece como forma de controle social: os manicômios são apresentados como locais onde se apagam identidades e se silencia qualquer forma de resistência.

A força do filme também se apoia em sua estética. A direção de Laís Bodanzky aposta em uma linguagem crua e claustrofóbica, com câmeras próximas, planos fechados e iluminação sombria, transportando o espectador para dentro do sofrimento do protagonista. Rodrigo Santoro atua de forma intensa e visceral, traduzindo com precisão a angústia e a despersonalização que marcam a trajetória de Neto. Seu desempenho foi decisivo para o sucesso e o impacto emocional da obra, que se destaca entre as produções mais relevantes do início dos anos 2000.

Bicho de sete cabeças é uma denúncia social e por isso merece apreciada. O filme dialoga diretamente com o movimento da luta antimanicomial, que propõe substituir o modelo manicomial por uma atenção psicossocial baseada no cuidado em liberdade. Ao retratar a violência institucional e o abandono familiar, o longa escancara o preconceito que transforma a diferença em patologia e o desvio em punição, questionando como a sociedade lida com aqueles que não se encaixam em determinados padrões de comportamento.





O Bicho de sete cabeças em sala de aula: Uma conversa sobre saúde mental e exclusão.

Diante disso, a obra pode ser explorada em contextos educativos como ferramenta crítica e transformadora. Em sala de aula, o filme permite promover discussões profundas sobre os processos de internação psiquiátrica, o papel das chamadas instituições totais (como hospitais, manicômios e prisões) e o estigma associado à saúde mental. A proposta é que os alunos sejam convidados a analisar como a exclusão social e familiar pode ser legitimada por discursos médicos, jurídicos ou morais, e como isso impacta diretamente a identidade e os direitos das pessoas consideradas “fora da norma”.

A atividade pode começar com uma conversa para identificar a percepção da turma sobre a temática do filme. Questões como “O que vocês sabem sobre manicômios ou clínicas psiquiátricas?”, “Por que alguém é internado?” e “Como são tratados os pacientes nesses locais?” ajudam a abrir espaço para hipóteses que serão desconstruídas ou reafirmadas após a exibição do filme.

Durante a exibição, é interessante dividir a análise do personagem em três fases: a fase antes da internação, a fase no hospital e a fase após a alta. Essa estrutura ajuda a evidenciar as transformações físicas, emocionais e sociais que o protagonista sofre, além da ruptura com seus vínculos afetivos e da imposição de uma nova identidade construída pela instituição.

Após o filme, promova um debate crítico com base em perguntas como:

- O que motivou a internação de Neto? Houve diálogo ou escuta?
- Que papel a família desempenhou nesse processo?
- Como Neto tenta esconder ou manipular informações sobre si mesmo diante da desconfiança generalizada?
- Quais formas de violência institucional são retratadas?
- Como as figuras de autoridade (médicos, diretores) se impõem sobre os pacientes?
- O que o filme revela sobre o modo como nossa sociedade enxerga a juventude, o uso de drogas e a saúde mental?

É importante destacar que a experiência de Neto não é ficcional, trata-se de um retrato de práticas reais, historicamente associadas a instituições psiquiátricas no Brasil. A internação involuntária, o uso abusivo de medicação, a contenção física e a perda de autonomia dos pacientes foram (e em alguns contextos ainda são) práticas recorrentes e o filme serve como denúncia e alerta para que essas realidades sejam combatidas.

Como desdobramento da atividade, proponha uma produção textual. Os alunos podem escrever um texto reflexivo respondendo à pergunta:

“Como a forma de lidar com a saúde mental pode revelar aspectos mais amplos da sociedade em que vivemos?”, ou ainda redigir uma carta fictícia de Neto, escrita após sua saída da instituição, expressando seus sentimentos e sua visão crítica da experiência.

A arte como ferramenta de transformação social

Perante tudo isso, Bicho de Sete Cabeças se consolida como uma obra fundamental não apenas para o cinema nacional, mas para a educação e a formação crítica de jovens, famílias e profissionais de diferentes áreas. Ao abordar, com realismo e sensibilidade, os impactos da exclusão, do autoritarismo e da negligência institucional, o filme convida à reflexão profunda sobre o modo como tratamos o diferente ou aquele que não se enquadra nas normas estabelecidas.

É importante reforçar que o cinema possibilita a articulação entre teoria e vivência, conhecimento e empatia, contribuindo para a construção de cidadãos mais conscientes, solidários e críticos. Para além da sala de aula, obras como esta devem ser assistidas por famílias, educadores, psicólogos, profissionais da saúde e do direito, pois oferecem repertório ético e sensível para lidar com a complexidade humana.

Isso porque a arte, e, principalmente, nesse contexto, não apenas entretém: ela denuncia, questiona, mobiliza e transforma. Ao sensibilizar o olhar e provocar o pensamento, o cinema se afirma como linguagem essencial para a educação emancipadora e para o fortalecimento de uma sociedade mais justa, crítica e acolhedora.



LANÇAMENTO DOS LIVROS:

Habilidades de Atenção

é um livro que explora a *atenção* como função executiva essencial na Análise do Comportamento.

POR APENAS R\$66,90

**Coisas que Sinto na Minha Pele**

é um livro sensível que ajuda crianças e adultos a explorar o mundo através das sensações corporais.

POR APENAS R\$29,90



Fanny
em

A mochila invisível



Workshop Educando pela Brincadeira

MiRaBOLâncias



ESTÊVÃO MARQUES



CHICO DOS BONECOS



04.10



8h às 18h



Colégio Integrado
Jaó Goiânia (GO)



SEXTA

SÁBADO

DOMINGO

03

04

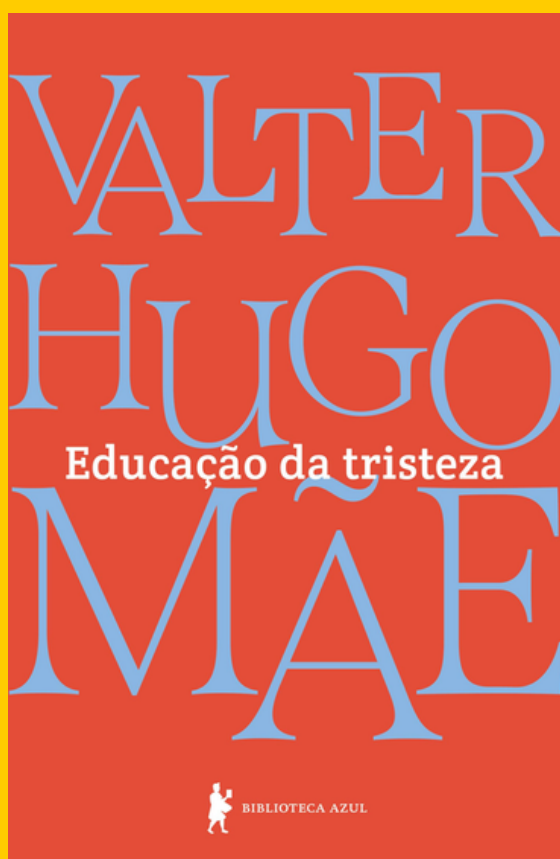
OUTUBRO

05





NOTAS DE SETEMBRO



Educação da Tristeza – Valter Hugo Mãe

Palavras e ilustrações se entrelaçam na tentativa delicada de compreender o luto, a saudade e o próprio ato de viver.

A partir da perda de seu jovem sobrinho Eduardo, o autor compartilha reflexões sobre amor, ausência e as perguntas que nos acompanham em momentos de dor: como transformar a falta em presença?

Com uma escrita acolhedora e poética, Valter nos convida a sentar a pensar o tempo, o afeto e a reconstrução de si mesmo. Mais do que um livro sobre perda, é um gesto de cuidado, um espaço para aprender a seguir adiante sem apagar o que ficou.

Ficha técnica

Educação da Tristeza

Editora: Biblioteca Azul

Data da publicação: 11 agosto 2025

Edição: 1ª

Idioma: Português

Número de páginas: 192 páginas

REVISTA ABA+

Edição 09 *setembro 2025*

ABA+
inteligência afetiva

 @abamaisinfo

 www.abamais.com